

Discriminação

Esse caso da danceteria Help, no Rio de Janeiro, vem dar razão a certas alegações dos movimentos negros. Como se noticiou, Djanira Barbosa foi proibida de frequentá-la por ser preta. Se o preconceito racial, por ter muito de subjetivo, é difícil de combater, a discriminação, ao contrário é objetiva e mais fácil de ser detectada. A lei de repressão deve ser aplicada com o máximo rigor, sem contemporações. Aliás, nos parece que essa legislação é demasiada branda. A discriminação ou suas tentativas entre nós deveriam ser cauterizadas com ferro em brasa. E que os seus adeptos aprendessem duramente que não somos nenhuma África do Sul. A grande marca histórica de nossa cultura é sua matriz multirracial. Atentar contra isto é, de certo modo, um crime de traição. Um crime que não merece simpatia nem atenuantes, pela perversidade intrínseca do seu conteúdo, uma ofensa à dignidade humana.

Maracatu será alvo de atenções durante os bailes populares

Uma coisa nova realmente já poderá ser constatada no Carnaval João Santiago, o Carnaval do Povo 86, no que diz respeito à valorização das mais autênticas manifestações artísticas e populares dos nossos folguedos: a inclusão do ritmo do **Maracatu**, uma coisa autenticamente pernambucana, na programação de música ao vivo dos palanques do centro da cidade e, também, nos bailes do Pátio de São Pedro e da Praça da Independência.

A idéia partiu da coordenadora de Música da Fundação de Cultura e auxiliar de supervisão do Carnaval 86, Dinara Helena Pessoa, atendendo à sugestão dos

que fazem as inúmeras nações africanas dos nossos maracatus. Assim sendo, nos palanques do Pátio de Santa Cruz, Praça Maciel Pinheiro, Rua Nova, Praça da Independência e Pátio de São Pedro, além das duas orquestras e de grupos de samba, haverá, na terça-feira de carnaval, das 16 às 21 horas, no sistema de revezamento e rodízio, dois maracatus com seus ritmos exóticos e frenéticos.

No início do baile popular do Pátio de São Pedro, no domingo de carnaval, também haverá a participação do Maracatu Estrela Brilhante, para esquentar os foliões para o frevo e o samba que vão rolar a noite toda.

● **Dinara Helena Pessoa**, da Coordenadoria de Música da Fundação de Cultura, anuncia a inclusão do **maracatu** na programação de música ao vivo no Carnaval João Santiago 86. Uma novidade para valorizar o ritmo quente e exótico do maracatu. Parabéns, Dinara.

Nação Maracatu Elefante volta às ruas para brilhar no Carnaval 86 do Recife

Seção B, Página Um



Dona Santa sob o pátio real, no carnaval de rua do Recife nos anos 60. Ao centro e à direita, no alto, relíquias do Maracatu Elefante pertencentes ao acervo da Fundação Joaquim Nabuco e a boneca vitoriosa no concurso de Trajes Típicos de Pernambuco, promoção da Empetur. Embaixo, as diferentes alas do maracatu exibem-se com entusiasmo nas ruas do Recife, espetáculo que agora será revivido com o retorno do "Elefante"

Fernando Barreto

O reaparecimento do tradicional **Maracatu Elefante** no carnaval 86 do Recife, apresenta-se como um dos mais importantes e principais acontecimentos do ano, do maior brilhantismo e expressão para a temporada da folia que se aproxima, de valor inestimável para a defesa e preservação do nosso folclore. Trata-se do ressurgimento de uma agremiação quase bicentenária, que está a completar 186 anos de existência e que, na verdade, constitui-se numa das mais antigas e tradicionais sociedades do carnaval brasileiro de todos os tempos, e honra e glória do carnaval de Pernambuco.

A morte da legendária **Dona Santa**, a famosa Rainha do Maracatu Elefante, no começo dos anos 60, motivou a desativação da entidade, cuja ausência foi por demais sentida nas ruas do Recife, em especial no período carnavalesco. Infrutíferas foram as múltiplas tentativas de se fazer ressurgir a quase bicentenária sociedade, até que o carnavalesco João Bosco Soares assumiu a presidência da agremiação. De imediato, ele se articulou com um grupo de remanescentes do antigo grupo e partiu, confiante e decidido, para fazer voltar, com todo seu esplendor, a Nação do Maracatu Elefante, a mais autêntica e expressiva força negra do nosso carnaval, este ano homenageando o **DIA RIO DE PERNAMBUCO**, pelos seus 160 anos de existência.

A fundação do Maracatu Elefante é atribuída ao escravo Manoel Santiago, um negro que, no primeiro ano do século XIX, se insurgiu contra a direção de uma grande agremiação da época, o **Maracatu Brilhante**. No comando de um grupo de descontentes, ao final do ano 1800, Manoel Santiago organizou uma nova **Nação**, que passou oficialmente a existir a 15 de novembro daquele ano, exatamente 89 anos antes da Proclamação da República do Brasil. Mesmo sendo seu principal fundador, Santiago jamais tencionou ser o Rei do Maracatu Elefante, cargo que foi ocupado por outro integrante do grupo, cuja identificação é desconhecida.

Os anos se sucederam e, a 25 de março de 1877, no Pátio de Santa Cruz, no bairro recifense da Boa Vista, nascia Maria Júlia do Nascimento, filha de pai africano com mãe pernambucana e sobrinha de Manoel Santiago, que viria a se constituir na mais importante e conhecida personagem do Maracatu Elefante. Por ter nascido no Pátio de Santa Cruz, a menina recebeu a denominação familiar de **Santa** ou **Santinha**. Quando adolescente, Maria Júlia não declinou do convite que recebeu e, assim, ingressou nas hostes do Maracatu São Coroado. Logo depois, substituiu a Rainha, cuja idade avançada a impossibilitava de locomover.

RAINHA, AFINAL

Era componente do Maracatu Leão Coroado o jovem João Vitorino, que mais tarde se casaria com Maria Júlia do Nascimento e tornaria-se a Rainha de agremiação, passando a integrar as fileiras do Maracatu Elefante. Pouco tempo depois, ele se tornaria seu **Rei** e, graças a seus méritos, a esposa abdicou o cargo real no Maracatu Leão Coroado, transferindo-se para o Maracatu Elefante, a fim de melhor seguir o marido.

Maria Júlia, no entanto, não era considerada Rainha. Desempenhava múltiplas atividades na sua nova sociedade. Seu trabalho foi multiplicado, a partir de 1928, quando João Vitorino, seu marido e Rei do Maracatu Elefante, faleceu. A partir de então, ela se tornou responsável direta pela organização do grupo, mas não se processou qualquer coroação para preenchimento do cargo real.

E, 19 anos depois do desaparecimento do Rei João Vitorino, a 27 de fevereiro de 1947, numa segunda-feira de carnaval, Dona Santa Júlia, afinal, coroada Rainha do Maracatu Elefante, cargo que exerceu com o maior brilho e abnegação até seu falecimento, em princípios dos anos 60. Nos últimos anos de seu reinado, doente e impossibilitada de caminhar, Dona Santa brilhava nas exibições do Maracatu Elefante pelas ruas do Recife em um "cortejo" especialmente cedido pela municipalidade, usando vestes à moda européia do século XVIII, confeccionadas em seda e veludos, nas cores verde, vermelho, azul e amarelo. Trazia nas mãos o cetro e o espadim. Na cabeça, uma coroa dourada, que hoje integram o acervo do Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco, como uma das grandes relíquias do nosso carnaval, graças ao trabalho

desenvolvido pelo professor Aécio de Oliveira, seu diretor, com total apoio do escritor Gilberto Freyre.

LACUNA PREENCHIDA

O ressurgimento da Nação Maracatu Elefante veio cobrir a lacuna existente em nosso carnaval com o aparecimento de novos e importantes personagens, onde se destacam o novo **Rei**, o babalorixá Mário Miranda e a nova **Rainha**, Dona Madalena. O novo Rei da Nação Elefante é um dos mais competentes **babalorixás** do Nordeste, com milhares de filhos de santo, distribuídos por todo o Brasil. Seu terreiro, dedicado a **Oxum Ceci**, é um dos maiores do Recife e localizado à Rua Primeiro de Janeiro, nº 27, Alto Santa Isabel, Casa Amarela, onde diariamente recebe dezenas de pessoas que vão em busca de conforto espiritual e de resolverem seus problemas.

A nova Rainha Dona Madalena, sucessora de Dona Santa, que já foi Rainha dos Maracatus Leão Coroado, Indiano e Estrela Brilhante, aos 72 anos é a mais antiga e competente rainha de maracatus do Recife. Ela é, também, uma das mais antigas **ialorixá** do ritual Nagô, com terreiro à Rua São Braz, nº 154, com acesso pela Rua da Ladeira de Pedras, em Água Fria, onde atende diariamente a dezenas de adeptos.

PRESENÇA DESTACADA

Com o reaparecimento da Nação Maracatu Elefante no carnaval 1986, o Recife reconquista sua tradição. A temporada de folia, assim, se tornará muito mais brilhante e atrativa.

O presidente do Maracatu Elefante, sr. João Bosco Soares, tem como principais auxiliares Zenaide da Silva (secretária), Diógenes

Cruz (tesoureiro), professor Armando Arruda (animador cultural), arquiteto Leônidas Mesel (delegado da agremiação junto à Federação Carnavalesca de Pernambuco). São patronos da sociedade o dr. Moacir Lacerda e o vereador Moacir Lacerda. Presidente de honra é o médico Moacir André Gomes. Sete são seus sócios beneméritos: Josabat Emiliano, Jones Ferreira, Evandro Rabelo, atriz Diva Pacheco, professor Aécio de Oliveira, escritor Gilberto Freyre e sr. José Amorim. A agremiação tem duas **Princesas**: Rosinete Rodrigues da Silva e Maria da Hora; e dois **Príncipes**: Dindo e Nonato. Presidente do Conselho Fiscal é o sr. Roberto Nogueira.

Sem concorrer a prêmios, exibindo-se tão somente para abrilhantar o carnaval 86, no Recife, o Maracatu Elefante estará se constituindo na grande atração desta temporada da folia, à noite da **Segunda-Feira Gorda**, na passarela de asfalto da Avenida Dantas Barreto, em homenagem aos 160 anos de fundação do DIÁRIO DE PERNAMBUCO, após o que se apresentará na Praça da Independência, em frente ao edifício-sede do DP, onde tocará "**Saburu de Xangô**" e "**Ego de Iansã**", num tributo ao jornal mais antigo em circulação na América Latina.

Em seguida, rumará para o átrio da Igreja do Rosário dos Pretos, à Rua Estreita do Rosário, para realizar alguns toques, após o que irá para a Casa de Badia e Carnaval da Praça do Trabalho, nos Afogados. À noite da terça-feira de carnaval, o **Elefante** levará seu ritual aos subúrbios, com exhibições especiais no largo de Água Fria, na Praça da Convenção, em Beberibe e no Pátio da Feira, em Casa Amarela.



A legendária Dona Santa, a sempre lembrada Rainha do Maracatu Elefante, em uma de suas últimas fotos, ostentando a coroa, o cetro e o espadim que a caracterizaram no carnaval pernambucano

O som dos tambores silenciosos

A Noite dos Tambores Silenciosos é um espetáculo que os pernambucanos e os turistas não podem deixar de incluir nos seus roteiros. Os maracatus vão chegando a partir das 23 horas de segunda-feira no Pátio do Terço e se concentram em frente à igreja, com seus vistosos estandartes, príncipes e princesas, damas da corte, damas do paço com suas bonecas, sob o pátio, o Rei e a Rainha - o batuque vem marcando o ritmo. À meia-noite é chegado o momento maior: a um sinal os tambores param, o silêncio por si só reverencia os mortos. De repente se ouve uma voz lamuriosa a tirar loas para a

rainha dos negros, Nossa Senhora do Rosário. O rito prossegue com novas loas, tiradas e repetidas até o final, quando os maracatus batem acelerados, rompendo o silêncio aos gritos de maracatus, maracatu, maracatu.

Em meio ao contagiante movimento das frenéticas e místicas figuras, os assistentes vão se envolvendo no calor dos passos marcados pelos tambores e atabaques. Uma tradição de mais de quatro séculos, tem em nossos dias o calor e as cores vivas de outrora.

HISTÓRICO

A sua origem remonta ao período colonial. Distantes da terra natal, os negros

pediam a proteção de Nossa Senhora, na tentativa desesperada de amenizar as dores do cruel cativo. Em meio a toadas e loas, os negros dos maracatus exaltavam a Virgem.

Segundo o jornalista Leonardo Silva "os negros que para aqui vieram, a partir de 1548, eram pertencentes a diversas tribos ou nações (Benguela, Caçanges, Cambinda, Congo, Nagô, Moçambiques etc.) e em torno dos seus chefes se reuniam acobertados, de quando em vez, pelas irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos ou São Benedito".

Zé Pilintra, caboclo brabo, vai ser samba no p

Fundado no dia 13 de setembro de 85, o Grêmio Recreativo Escola de Samba do Zé (em homenagem a Zé Pelintra), que tem como seu principal patrono o famoso habalorixá Pai Edu, desfila pela primeira vez pelas ruas da vizinha cidade de Olinda, e também do Recife.

O Grêmio Recreativo Escola de Samba do Zé desfilará, a partir das 17h de amanhã, na cidade de Olinda com 500 figurantes, dos quais 100 integram a bateria, que tem como seu principal regente o diretor Edvaldo Lourinho.

Dezesseis alas representarão o Grêmio Recreativo, com 16 fantasias de destaque que se encarregarão de mostrar aos foliões de Olinda e Recife o tema "Negro agora é Doutor". Entre as fantasias de destaque estão a "Princesa Isabel", "Sinhazinha", "Negro na Sociedade", "Negro Estudando", "Negro na Escravidão", e "Negro na Faculdade".

Todos os 500 componentes são filhos de santo e, para que a escola viesse às ruas, foram investidos cerca de Cr\$ 250 milhões.

Além das 16 alas o Grêmio Recreativo Escola de Samba do Zé contará com a participação de 4 carros ale-



CARNAVAL 86

góricos, que sairão do Palácio de Iemanjá, no Alto da Sé, em Olinda. A Escola de Samba que foi fundada com a finalidade de exibir-se nos carnavais pernambucanos tem como presidente o figurinista Sílvio Romero Botelho de Almeida; vice-presidente - João Brandão; Secretário - Paulo de Souza Verçosa; vice-secretário - Maria do Socorro da Silva; Tesoureiro - Edwin Barbosa

da Silva (Pai Edu) e vice-tesoureiro - Maurício Lira Romão.

Suas cores são branco, vermelho e verde e tem como símbolo a Cartola, Bengala e Luvas.

Ele desfila a partir das 17h de amanhã e na terça-feira pelas principais ruas de Olinda. Amanhã o desfile será na passarela da Avenida Dantas Barreto na condição de "hors Concours". Seu puxador de samba é Leto, que venceu o concurso realizado no Palácio de Iemanjá diante de mais de 5 compositores.

O figurinista profissional Sílvio Botelho e o Pai Edu foram os autores dos riscos, enquanto a confecção das fantasias estiveram a cargo de Esmeralda, Lia, Judith e Sídney. Sílvio Botelho coloca sua larga experiência a disposição do Grêmio Recreativo Escola de Samba do Ze, sendo autor dos bonecos de Jarbas Vasconcelos e Sérgio Murilo, nas recentes eleições do Recife. Sílvio já trabalhou para agremiações como Marin dos Caetés, Escola de Samba Oriente, Unidos de Ouro Preto, Guaiamun na Vara (troça), Trinda de Az e Tome Mé e haja Mé. há 13 anos que o conhecido figurinista faz Carnaval em Olinda.

Maracatu:

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL

O lamento das terras do lado de lá



Com mais de 120 anos, o Maracatu Leão Coroado é uma das três Nações Africanas que vêm às ruas nos dias de Carnaval

“... o tarol anuncia levemente um esquema rítmico bem simples, rufado e intercalado de pausas; quase no mesmo instante, o banguê assinala a sua rítmica característica: a seguir, dão entrada as caixas-de-guerra. Por essa altura, o tarol já passou do esquema inicial às variações. Daí prosseguem as entradas dos zabumbas: o marcante destaca baques violentos e espaçados; o meião, pouco depois, segue o toque do marcante e, conjuntamente, ressoam os repiques aumentando enormemente a intensidade do conjunto”.

Guerra Peixe. in Maracatus do Recife



Nenhuma manifestação do nosso folclore possui o misticismo e o simbolismo do maracatu

- Durante os dias de carnaval eles são tratados por majestade, com poder temporal e até espiritual sobre seus seguidores e, a exemplo de seus ancestrais, eles passam a envergar a espada e o cetro, sendo cingidos pelo manto e a coroa.

- Ao som dos bombos, ganzás, atabaques e tambores, deixam os altos e córregos distantes e vêm às avenidas e ruas centrais com toda a sua corte, a fim de receber os aplausos das multidões que os ovacionam como se fossem um clube carnavalesco qualquer.

- Já foram muitos. Pereira da Costa, em 1908, afirmava "... se o maracatu, portanto, já rareando, modestamente, época houve, e bem próxima ainda, em que se exhibia em número avultado...". Hoje restam apenas três Nações Africanas, que vêm às ruas nos dias de carnaval, a do Leão Coroado (1863) da Estrela Brilhante, que veio de Igarassu em 1910, e Elefante (1800) desaparecida temporariamente com o falecimento de Dona Santa (1962) e que retorna este ano, mas delas ouvimos só referências vagas.

- Pesquisando o carnaval pernambucano, a antropóloga norte-americana Catherine Royal escreveu em 1967: " - Mesmo chegando o dia triste em que desaparecer do Recife a última velha "Nação", para uma considerável maioria dos pernambucanos de todas as classes sociais, o Maracatu continuará a ser uma emoção, um sentimento, um motivo de vibração. Os intelectuais, os jornalistas, a classe média, e o povo em geral - todos sentem o Maracatu peculiarmente seu. Ser pernambucano é sentir o Maracatu.

Nenhuma manifestação de nosso folclore possui o misticismo e o simbolismo do maracatu. O lamento das terras "do lado de lá", é uma constante em suas loas. As "estórias" de suas rainhas e o emaranhado de sua origem já chamara a atenção de muitos de nossos pesquisadores.

Aquele cortejo, antecedido pelas batidas sinopadas de bombos, ganzás gonguês e caixas e por figuras de animais traz em seus reis, rainhas, embaixadores, lanceiros, damas do paço, portacalungas, porta-buquês e pajens as reminiscências dos cortejos das antigas nações africanas pelas ruas deste mesmo Recife.

O espectador, menos informado, o aplaude como se fosse uma agremiação carnavalesca qualquer, sem sequer desconfiar que as nossas nações são tão velhas quanto a História deste país e hoje são evocadas nas figuras de nossos maracatus.

Ao ver a Nação do Leão Coroado ou a Nação da Estrela Brilhante desfilar nos dias de carnaval, todo pernambucano deve observá-las com respeito pois tudo que ali está tem sua simbologia própria e o cortejo em seu contexto traz consigo a recordação dos chefes de nações que vieram do "lado de lá".

MUCHINO RIÁ

Os negros que para aqui vieram, a partir de 1548, eram pertencentes a diversas tribos ou nações (Benguela, Caçangues, Cambinda, Congo, Nagôs, Moçambique, etc) e em torno delas, mais precisamente em torno dos seus chefes se reuniam acobertados, de quando em vez, pelas irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos ou de São Benedito.

Destas nações, era a dos Congos que mais se destacava. Para isso contava com a proteção do "senhor branco" e com o beneplácito da Igreja Católica que, em determinados dias, assistia a coroação de seus soberanos: - Muchino Riá Congo -, que dispunha de poder temporal sobre as demais.

Tais coroações remontam, segundo Pereira da Costa, ao ano de 1706 quando, numa festa de São João, foi aprovado o compromisso da irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Vila de Igarassu, que é uma cópia fiel de sua congênere da então Vila de Olinda.

No Recife o mesmo autor transcreve o termo de posse de dom Domingos Marques de Araújo, Rei Congo da Boa Vista do Recife, datado de 6 de abril de 1801. Henry Koster relata uma coroação de Rei Congo, datada de 1814, na Vila do Pilar, em Itamaracá.

Théo Brandão atribui a origem de tais coroações nas **reinages** da Europa, enquanto Arthur Ramos vê nas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito um instrumento de emancipação do elemento negro.

Mas a verdade é que tais coroações eram aprovadas e assistidas pela Igreja Católica Romana, sendo consentidas pela autoridade civil pois o "Rei Congo" era fator de ordem social entre os africanos das demais nações.



Um dos cinco maracatus de baque virado do Recife é o Estrela da Tarde

Após a criação do "Machim Rio Congo" os tamborins e atabaques, na sua cadência peculiar, tocavam em honra à Padroeira e logo depois ganhavam as ruas dos bairros da Boa Vista ou de Santo Antônio em um segundo conjunto, além de "Zé" e da "Kênia" de "Janaína de Honra". "Embaçadores", "Damas do pagé", "Mestres de Campo", "Aracê", "Lanceiros", "Pauze" e outras figuras.

MARACATU

A criação dos Baque Congo transformou-se, com o decorrer dos anos, no novo maracatu, que posteriormente foi denominado algar. O maracatu

tem sempre a denominação de Nação, que vem ressaltar mais fortemente sua origem. Sua dança melancólica e entremeada pelas lés que sempre fala "na terra bonita do lado de lá" refletindo o tédio e o sentimento do negro negro.

Nação que vem pensando

Do lado de lá do mar

É aqui vive esperando

Um dia poder voltar.

Denominando-se de Nação do Elefante (1800), Nação da Estrela Brilhante (1810), Nação do Leão Coroado (1820), Nação Combinda Estrela (1850) e Nação Indiano (1940), estas duas últimas oriundas

de maracatus rurais e sem qualquer tradição com os de baque solto, constituem os maracatus chamados de baque virado. Estes diferenciam-se de orquestras, ou rurais, pois não têm o caboclo de lança e qualquer instrumento de sopro em sua bateria. Recentemente o Recife ganhou mais um maracatu, de há muito desaparecido, que foi a Nação Porto Rico do Oriente, (1966), da qual algumas crônicas traziam o seu registro.

Embaixadô,
Pegue a bandeira
Porto Rico
É Nação Brasileira!

Dois lampiões de carbureto, duas negras trazendo as calungas de madeira, cujos nomes variam segundo a Nação a que pertencem, abrem o cortejo. Alguns maracatus trazem os seus símbolos, que chegaram a ser confundidos com totens de cultos africanos, como é o caso do Leão Coroado que traz um leão, e do Elefante, em tempos passados, que vinha com um enorme paquiderme.

O cortejo é quase o mesmo da coroação dos Reis Congo e seus monarcas são protegidos por uma umbela que gira ao som da orquestra formada, em alguns casos, por um mineiro, um gonguê, duas caixas e 16 bombos.

As calungas têm nomes: **Dona Emília, Dona Leopoldina e Dom Luiz**, no Elefante; **Dona Clara e Dona Isabé**, no Leão Coroado; **Dona Bela e Dona Júlia**, no Porto Rico; **Dona Joventina**, no Estrela Brilhante. Estas relembram antigos monarcas ou rainhas de Portugal ou mesmo do maracatu; como é o caso de **Dona Júlia** que é uma homenagem a Dona Santa, última rainha da Nação Elefante.

DANÇA MOLENGA

Como as ondas do mar, a dança molenga do maracatu, acompanhada do gingado dos braços e o bamboleio de corpos, acompanha a percussão do batuque. O Rei e a Rainha permanecem, hieráticos, protegidos pelo pálio de onde raramente saem para abençoar os seus súditos. Negras de turbante, porta-calungas, porta-buquês e lanceiros dançam em torno dos soberanos, respondendo as loas do tirador, lembrando as descrições das coroações dos Reis Congo.

Além dos cinco maracatus de baque virado, o Recife possui, ainda, o Estrela da Tarde, Cruzeiro do Forte, Almirante do Forte, Águia de Ouro, Piaba de Ouro, Leão da Aldeia e Leão da Serra, que são maracatus rurais ou de orquestra. Tais préstitos são anteceditos pelos caboclos de lança (que trazem pendurados inúmeros chocalhos) e acompanhados por instrumentos de sopro junto à percussão de sua bateria.

A dança e a música já serviram de tema a inúmeros de nossos compositores, entre eles Capiba (Lourenço Barbosa), Néelson Ferreira, Ascenço Ferreira, Paulo Viana, Sebastião Lopes, Luís Luna, Edson Rodrigues, João Santiago, Irmãos Valença, Miro Oliveira, Ademir Araújo, além de outros.

Com assimilação do preto pela civilização branca. O desaparecimento dos últimos remanescentes das nações anricanas, como é o caso de Dona Santa, os maracatus de baque virado vão, pouco a pouco, se descaracterizando ou mesmo desaparecendo. Sua música e sua temática vieram dar uma grande contribuição à Música Popular Brasileira e o seu préstito vem lembrar a nós o antigo fulgor dos desfiles das Nações Africanas pelas ruas deste velho Recife.

Os poucos que ainda restam merecem o respeito e a atenção de todo pernambucano, pois segundo a antropóloga Catherine Royal Cate (que aportuguesou o seu nome para Katarina Real), ser pernambucano é sentir o maracatu.

Badia: “Carnaval de Santiago melhor que o meu”

“Este Carnaval João Santiago foi melhor do que o do ano passado, dedicado a mim, embora eu reconheça que tudo vem num crescente, pois se agora esta bom é porque o anterior preparou o clima para a transformação, a melhora”. Essa filosofia carnavalesca é de Badia, que vai se transformando numa espécie de mito da memória carnavalesca recifense.

Na sua casa, no Pátio do Terço, Badia não chega pra quem quer. E saiu do casulo. Resolveu assumir a sua personalidade carnavalesca. Saiu nas Coroas de São José, na terça-feira da semana pré, e também por Estudantes, a exemplo do ano passado. “Eu nunca gostei de desfilar. Mas as minhas tias, orientadoras espirituais, me deram a luz para que eu aceitasse participar dos desfiles e estou me sentindo bem à vontade”, comenta Badia.

E Badia acha que o

Carnaval do Recife melhorou demais, este ano, a começar pela revitalização dos folguedos no Bairro de São José: “O Carnaval 86 começou aqui, numa cerimônia linda, a zero hora do sábado de Zé Pereira. Eu nunca vi uma coisa tão linda e tão animada, lembrando os carnavais do passado, num clima muito bom”.

Ela não tem papas na língua. Não pretende agradar ninguém nem tampouco ferir susceptibilidades. Não tem política não, a sua única política é a do Carnaval, por isso diz sem receios:

Uma coisa prepara a outra. O que Joaquim Francisco e Cusy de Almeida fizeram, ano passado, para melhorar o Carnaval do Recife, serviu de base para que o prefeito Jarbas Vasconcelos e o prof. Jomard Muniz de Brito fizessem o Carnaval João Santiago como o povo quer. Uma coisa complementando a outra. Isso é bom para o Carnaval, que

vai crescendo a partir do momento em que os homens públicos se preocupam com ele e lhe dá a necessária atenção e valorização, sobretudo fazendo como o Jarbas Vasconcelos fez, ouvindo o povo, que é quem faz o Carnaval”.

PERDEU AS CONTAS

Quando Badia era entrevistada, interrompia para receber os cumprimentos de inúmeros admiradores. Homens do povo, foliões, afilhados, gente importante, como deputado Pedro Correia. E Badia lembra que a sua vida foi pautada a serviço do Carnaval, sem misturar folia com política:

– Eu perdi as contas dos políticos que recebi na minha casa. Pelópidas Silveira, Augusto Lucena, Gustavo Krauze, Joaquim Francisco e Jarbas Vasconcelos, que antes de ir para a Prefeitura na semana pré-carnavalesca, passou na minha casa para tomar café comigo e receber minhas luzes carnavalescas.

Abraço a qualquer um, pois o meu partido político é “Carnaval”.

Interrogada sobre a razão por que o Carnaval deste ano foi mais animado do que nos anos anteriores, Badia deu a seguinte resposta:

– Quando o povo quer fazer as coisas, faz mesmo, meu filho. Vi mais gente nas ruas. Um Carnaval querendo chegar à sua grandeza popular. Foi quando o deputado Pedro Correia interrompeu para complementar:

– Acho que o povo brincou mais porque houve uma reposição salarial que, apesar de toda a inflação, que é alta, deu algum respaldo para que o folião se animasse para vir às ruas, tomar sua bebida, mostrar sua fantasia. Foi um grande Carnaval, não resta a menor dúvida.

Para finalizar, Badia disse:

– Foi um grande Carnaval, só faltou mesmo João Santiago nele.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL



Revolta dos Malês (1835) em Salvador, no filme. Fotografia de Zeca Mauro

Cultura e Memória, uma questão de Resistência

A cultura brasileira com todas as suas dimensões, os movimentos de resistência contra o chamado "imperialismo cultural" e a criação de bens culturais, são temas de filmes do diretor Octavio Bezerra. Seu último documentário - *A Resistência da Lua* - um metadocumentário em 35mm, recebeu o primeiro prêmio da categoria no VII Festival de Nuevo Cine Latino-Americano e trata, como o nome sugere, da resistência da cultura negra na Bahia, dilapidada durante séculos pela dominação branca por outros fatores que a imaginariam detentora de um conteúdo cultural convencionalizado.

NOVO FILME

Atualmente em Pernambuco, o diretor prepara a produção de um novo trabalho, também em 35mm, com o título provisório de *Memória*, um filme sobre Aloisio Magalhães, a ser rodado em terras pernambucanas, nos fins de março. Realizando independentemente todas as dificuldades que se impõem a quem aceita o desafio de fazer cinema cultural no Brasil, ele defende o fortalecimento da cinematografia no Nordeste e a criação de um núcleo de produção do Recife - cidade que desempenha um papel decisivo no cinema nordestino, desde o Ciclo do Recife (1924/1931).

No seu entender, a forma de viabilizar a criação desse núcleo, seria através de incentivos fiscais do Estado para o setor e o recolhimento do ISS do Município para um Fundo especialmente criado para este fim. Bastante inovador em termos de linguagem, desde o curta "América" - filme fotográfico realizado em '79, e de opinião que não basta tão-somente documentar os fatos.

Na construção das imagens de um documentário - explica - a linguagem é fundamental, para que o cinema não se torne mera exposição e não perca outra função importante, além de refletir o aspecto social de nossa gente e sentido de respeito que o transforma num filme mágico.

Observa também que o cinema é uma das poucas formas capazes de registrar a história, preservando no tempo, visto que o negativo em 35mm e em 16mm têm uma durabilidade maior. E cita uma fase de Akira Kurosawa que muito se assemelha à proposta de Aloisio Magalhães.

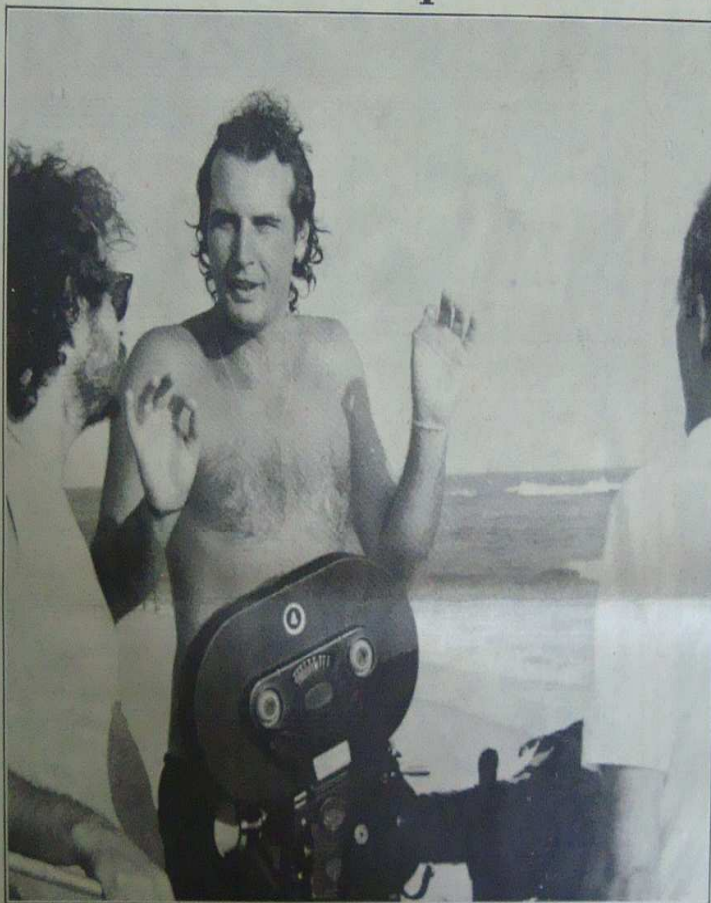
"Se pode inventar uma coisa nova quem tem memória. Criar é consultar à memória".

"A RESISTÊNCIA DA LUA"

Bruas escravas e homens mal-dominados encontraram o caminho de botômios, prostitutas, feitas e gente da noite. Do interior de um bar, um lanceiro se mistura no latido dos cachorros, os murmúrios de um fechoço que se arregaça no mundo, do outro lado, os amantes se despedem antes que a noite se recolha as primeiras notas da manhã.

A lua há muito se foi, deixando um rastro luminoso no céu e, aos pontos, o lugar vai se desfazendo. Portas e janelas se abrem para uma noite que se repete a cada amanhecer. Alargando de crianças, mendigos, cafuleiras, vendalões ambulantes - o povo gentia as ruas até onde um solitário que se quem sente pode encontrar, como dia a música de Bayatumba no fim da lanterna do mestre Vitalão e na voz de Luciano, que se imbuía no fundo da imagem projetada na tela. O cenário é o bairro do Malês, Salvador, Bahia. Uma difícil realidade que se conflitos aos mistérios de uma gente que busca resistir sem cantar e subverter, e luta por imposição de um modelo social e econômico que privilegia os elites.

A Resistência da Lua é um filme político-social que mostra realidade e ficção. Possui um que mistura em vão se colar. É poético, possui imagens através de imagens fortes, transmitindo o cotidiano dos habitantes do Malês.



O cineasta Octavio Bezerra durante as filmagens de "Resistência da Lua"

Belém e Terras de Jesus, uma suntuosa e de galgabaladas vestidas da fantasia da Lua, se faz ouvir por trás das requizas, inclui a poesia de Sampaio e Antão Melhor ressonando a lua que se estende sobre os telhados, onde desfilam cardeais, magicos e latrocratas...

O movimento negro também se faz presente. As greves reacionistas, cobertas de suor, sangue e suor do negro, perdem-se imponentes em meio a sua placidez das ruas. Santos e Santos, Otton, São Paulo, Venâncio, Senhor do Bonfim, Jurema-se na crença de que povo que resistiu através da fé. A estrutura bíblica gira em torno do discurso de vários personagens realizando a mesa de um bar - a "Cantina da

Lua" - uma espécie de foco de resistência da cultura negra de Salvador, onde se realizou os debates e os desfiles do "milagre econômico", para contar histórias, falar de suas dificuldades e desejos.

Carlinho Silva, dono da "Cantina", revela a importância da restauração do Centro Histórico de Salvador: há pouco tempo elevada a categoria de Patrimônio da Humanidade, mas que, até então, sucumbia-se à obra da destruição, relegado ao esquecimento. Mãe Hilda do Ilê, mãe de Santos do Bonfim - lenda lacerada pelos terreiros de Landumbá - fala sobre o papel de religião negra nesse processo de revitalização, através dos ensinamentos que foram pas-

sado de geração a geração. E conclama os negros a se unirem, "unir-se forte", para dar oportunidade a essa luta que começou com a chegada dos primeiros negros forçados em costas de Brasil-colônia.

Jehová de Carvalho, advogado, poeta e escritor, conta que foi à Revolta dos Malês, juntamente liderado por Luís Sena e Joaquim Gêge em 1835 - ambos fuzilados depois de sublevar a revolta - que pretendia não a emancipação dos negros, mas a instauração de um novo estado negro na Bahia. Apesar de sua evocação, a revolta dos Malês não consta na história oficial do Brasil e, no filme, é retratada com a reconstrução da cena do fuzilamento de seus líderes.

Outro discurso importante é o de Vovô da Ilê Avia - um bloco de carnaval formado só por negros. Antes do Ilê, os negros eram proibidos de brincar o carnaval nos blocos dos brancos e, no início, sofreram muitas repressões para brincar o bloco na rua. Fala também, que muitos não assumem a própria negritude, como os chamados "marrom-gelados", que aliam o cabelo e usam pó de arroz para disfarçar a cor.

A Resistência da Lua também faz referência aos movimentos de libertação de povos da África, na figura de Agostinho Neto, Samora Machel, dentre outros, e do poeta Benjamin Molise, recentemente considerado à fora pela irracionalidade do Apartheid. Sua última mensagem para o mundo, é também a última cartela do filme.

"Orgulho-me do que sou, orgulho-me do que fiz."

A tempestade de minha morte será seguida pela chuva de meu sangue. Orgulho-me de dar minha vida, minha única e solitária vida."

UM PAÍS SEM MEMÓRIA

"Só há um modo brasileiro de sobreviver, ao longo de sua trajetória, desenvolvendo-se no sentido de se tornar uma nação rica, uma nação forte e poderosa, porém, uma nação sem caráter".

O novo projeto de Octavio Bezerra, antes de um filme histórico, é uma espécie de "heraldage" sobre a cultura popular, expresso, como um cartame, pelos caminhos de um homem que compreendeu o significado profundo da memória e da preservação do patrimônio cultural para um povo que quer se desenvolver. Há em diante, Aloisio Magalhães luta por tudo isso até o fim de sua vida.

A questão principal abordada em *Memória*, um filme sobre Aloisio Magalhães e a importância do resgate cultural para um país que parece ter esquecido suas raízes, um país criado por estrangeiros que passaram ao povo, ao nível da terra, o espírito de sua própria história. Aloisio, antes de tudo, era um artista essencialmente voltado para a atualidade. Por isso mesmo a ideia do diretor é incorporar no espaço filmado, uma riqueza de imagens capaz de representar as diversas faces de uma mesma personalidade.

O artista plástico sensível e impetuoso, ao designar criativo, responsável pela criação de símbolos que até hoje estão vivos na nossa memória - como o quarto centenário e o cruzado negro - aos políticos ocultos, preocupado em recuperar os patrimônios históricos e devolvê-los à comunidade. Esta última faceta é, sem dúvida, a espinha dorsal do filme. (Fraseões importantes são enfocadas, como a necessidade da descentralização da cultura do eixo Rio-São Paulo, a busca da identidade, o conceito de bens culturais, as relações entre o intelectual e o poder, a liberdade de expressão, o respeito à heterogeneidade relativa a um país complexo pela sua própria extensão territorial e, sobretudo, o papel do Estado no incentivo a todas as formas de produção artístico-cultural).

Memória, um filme sobre Aloisio Magalhães visa estimular a criação de uma nova política nacional de cultura, evidenciando que a abolição de valores que não são os nossos, deve ser eliminada em função de sua inutilidade ideológica e que, aos poucos, começa a despertar nas consciências.

"O verdadeiro artista, o verdadeiro processo de desenvolvimento de uma nação brasileira em harmonicamente, dar continuidade aqueles componentes culturais que foram sempre os indicadores do seu perfil, do seu (sustentação e, portanto, de identidade) (Aloisio Magalhães).

Mais Cinema na última página

MULHER

Toni Tucci, uma escritora americana que como se estivesse descobrindo os prazeres do ser maiúsculas: "Ame um jovem". O homem do nos cológos e sociólogos baseados em estatísticas. Se fala sobre a situação da mulher negra no Brasil. incrível, principalmente no mercado de trabalho crianças de cor, ao invés de estarem nas escolas,

Lelia Gonzales: "A mulher negra não tem vez no processo de liberação feminina"

De família muito pobre, "como a maioria da população negra do País, Lelia Gonzales, historiadora, formada em filosofia e agora fazendo seu doutorado em Antropologia, tem uma longa história "de dez anos ininterruptos" na luta em defesa do negro brasileiro.

Vários artigos publicados no Brasil e Exterior, um livro, "O Lugar do Negro", Lelia tem questionado, permanentemente, a existência do preconceito racial em nosso País e, apesar de sua luta em favor das mulheres, "ainda muito oprimidas, discriminadas e marginalizadas", acredita que a situação do negro é das piores. Quanto ao fato de dizerem que não se considera o negro inferior no Brasil ela discorda: "A situação aqui é pior que nos Estados Unidos, pois lá, as coisas são feitas às claras".

Professora da PUG/RJ, ela dá aulas de cultura popular e seu grande entusiasmo, no momento, é pelo doutorado "que será em antropologia política, porque me parece que, na medida em que o Brasil é um País multi-racial e pluricultural, é preciso conhecer bem estas nuances para poder examinar com atenção dois setores: primeiro, o lugar do negro e, segundo, o da mulher, cujo movimento teve um avanço muito maior do que o do homem de cor".

Lelia, voce acha que a discriminação por cor, no Brasil, é mais grave que a por sexo?

- Você sabe que ser mulher não é fácil e ser negra torna-se difícil. Em relação à branca, acredito que ela tenha conseguido muita coisa em termos de mercado de trabalho durante o "Milagre Econômico", atingindo, assim, uma mudança fundamental. A nível universitário, por exemplo, o número de mulheres empatou com o dos homens. E, se em 68 as mulheres constituíam a metade da população universitária, hoje a proporção é muito maior. Houve, também, a feminização de várias profissões, porque antigamente o sexo feminino se confinava às atividades consideradas femininas. O capitalismo se impôs de maneira definitiva no País e abriu espaços para a mulher em geral.

E a negra?

- Fomos excluídas deste processo e a população negra, em seu todo, praticamente não teve ganho algum com a modernização trazida pela industrialização do País, chamada pelos especialistas de conservadora e excluyente. Neste processo de exclusão, a população negra ficou restrita a determinadas áreas de trabalho

que são as menos qualificadas e de menores salários, ou seja, aos homens restou a construção civil e às mulheres a prestação de serviços, especialmente domésticos. Se você fizer um retrato dos bóias-frias, no Brasil, verá que eles são constituídos, essencialmente, de negros. E isso me parece um sintoma muito sério de discriminação racial.

Quer dizer que existe mesmo o preconceito de cor no Brasil?

- As provas estão aí, todos os dias, nos jornais. Como diz Simone de Beauvoir, "ninguém nasce mulher, a pessoa se torna mulher, porque isto é uma conquista". A mesma coisa se aplica ao negro, porque existe - em função da ideologia dominante, da superioridade e perfectibilidade do branco - a internalização, por parte do oprimido, da ideologia do opressor. E isto acontece também com as mulheres. Sabia que algumas delas são tão machistas que lutam contra os movimentos feministas? De qualquer forma, o racismo no Brasil se coloca de forma simplesmente incrível e você pode ver isto com clareza a nível de mercado de trabalho. O negro trabalha mais e ganha menos e, quando se examina duas famílias com a mesma renda, fica claro que a negra trabalha mais e usa maior número de pessoas para alcançar o que a branca recebe. Então, nossas crianças de cor, ao invés de estarem nas escolas, lavam carros e vendem balas para sustentar a família.

Há machismo da parte do homem negro?

- Acredito que entre homem e mulher negros a intimidade é maior, por terem vivido experiências históricas comuns e extremamente traumatizantes, como a escravatura. Historicamente, então, você vai perceber que não é por acaso que o grande baluarte da perpetuação dos valores da comunidade negra se deve à herança afro-brasileira. Veja o fenômeno das mães de santo baianas; elas não são simplesmente guardiãs religiosas, mas as "Grandes Mães". E, ao falar em família negra não se pode esquecer da empregada doméstica, de casos como o de Marli e muitos outros semelhantes.

Na sua opinião, o que pode ser feito?

- É preciso encarar, de uma vez por todas, a questão da discriminação racial deste País, sobretudo na Constituinte, que está por vir. Se não se levantar a questão com toda tranquilidade e sem o "preconceito de não ter preconceito", como diz o Florestan Fernandes, este País não avan-



A historiadora afirma que a negra é vista como objeto de prazer

çará, continuará dividido e não terá um povo.

E a Constituição, que diz termos direitos iguais?

- A discriminação é prática, como aquela velha história da "boa aparência". Quando um anúncio de jornal pede "moça de boa aparência", pode estar certa de que ela precisa ser branca. Em nosso País, a forma de racismo é extremamente disfarçada, mas graças ao trabalho e atuação dos diferentes movimentos negros a nível nacional, a questão começa a ser levantada e tem tocado os segmentos mais progressistas da sociedade brasileira, que estão preocupados com esta questão. Se você observar bem a história política brasileira, notará que quase ninguém falou da questão da pessoa de cor. A nível ideológico, nossa sociedade é extremamente hierárquica, "cada qual no seu lugar", como diz meu bom amigo Millôr Fernandes, afirmando que no Brasil não há racismo "porque negro conhece seu lugar" e este fica lá embaixo.

Lelia, você usa muito o termo "criolêu". Como mulher negra, falar desta forma não seria uma forma de preconceito?

- Não na medida em que pensamos nos velhos termos, quando os brancos nos chamavam de crioulos, de pretos sujos, isto e aquilo e aceitávamos como ofensa. Não, uso muito este termo, porque crioulo significa "negro nascido no Brasil". Estamos recuperando nossa própria identidade, devolvendo ao racista a expressão

que ele quis transformar em ofensa a nós. E ser chamado de crioulo é muito mais digno do que de mulato.

Por que?

- Você sabe de onde vem a palavra mulato? De mula, mulo, semelhante a. Estamos aí para recuperar os malentendidos históricos, que ainda constam no dicionário, como é o caso de "mulher pública", sinônimo de interesse público? Por acaso somos mulheres da vida? Nada disso, temos um trabalho sério realizado, embora o dicionário ainda nos contradiga. A linguagem avança na medida em que nossa consciência caminha. Hoje, crioulo e mulato deixaram de ser termos pejorativos.

Como o homem branco se comporta sexualmente frente à negra? Ainda permanece o estigma de que ela seria a boa de cama, fogosa, enfim, a antiga escrava que satisfazia os desejos do sính enquanto sính ficava bordando e sendo abanada por outra escrava?

- Se a mulher branca já é considerada objeto sexual, imagina a negra, porque a primeira, ainda é passível de casamento, enquanto a segunda é vista apenas como objeto de prazer, utilizado e descartado na maior tranquilidade e com quem você não tem a menor relação, a não ser de ordem meramente sexual. Como o sinhozinho adora ir às escolas de samba assistir ensaios e escolher a negrinha de sua preferência! E isso mesmo: chegam olham e escolhem.

Maracatu centenário pode deixar o Recife

O Maracatu do Leão Coroado, a mais antiga de nossas nações africanas que desfila nas ruas do Recife no período do carnaval, fundada em 8 de dezembro de 1863, ameaça transferir-se para o Rio de Janeiro, segundo nos informa o seu presidente Luiz de França dos Santos.

Desiludido do Recife, onde recebeu um terreno para a construção de sua sede no Arruda, quando da administração do prefeito Gustavo Krause, mas impossibilitado de imitir-se na posse, face a um invasor que lá se encontra apesar de indenizado pela municipalidade, o invasor não retirou-se do terreno, o que fez Luiz de França decidir-se em reunir os pertences do seu maracatu, juntamente com as bonecas Dona Clara e Dona Maria Júlia, e rumar em busca das terras do Rio de Janeiro onde pretende terminar os seus dias.

O velho anda desiludido. Vem batendo na porta de um e de outro. Já esteve na URB e na Empresa de Obras, com o novo prefeito, e nada conseguiu em favor da sede para o maracatu. Enquanto isso foi sondado, "por gente do Rio de Janeiro desejosa em ter um maracatu nas bandas de lá", daí o seu interesse em deixar o Recife em busca de outras terras, tal como os seus antepassados que, nos porões dos negreiros, trouxeram para aqui este lamento das terras do lado de lá.